

Além do Corpo na Ciência: uma teoria social cristã

Victor Excelsius

Palavras-Chave: corpo, teologia, filosofia, antropologia

Argumento

Fazer dialogar antropologia cristã e antropologia social, além do debate secularismo/religião. Seguimos de perto a obra „A Teologia do Corpo“, de São João Paulo II

Desenvolvimento

1. UMA METAFÍSICA DO CORPO

Haverá qualquer coisa de errado na nossa civilização quando separamos, medicamente, o corpo da mente? Deve o sexo ser sublimado? No limite, é possível uma metafísica do corpo? A consciência do corpo traz a mente perturbada, contudo, ela não é nada sem ele, porque está provado em termos de uma antropologia social, empírica, que o homem pensa com o corpo, não só através do aparelho sexual, mas dos outros, o nervoso, o digestivo. Se o homem pensa com o corpo, provado cientificamente em instância neutras, ou seja, não morais e muito menos religiosas, ou seja, isentas de um juízo histórico, como poderá desligar-se a mente do corpo? Depois, há os três níveis de uma superioridade do homem face ao animal e aos outros reinos, a saber, o espírito, a mente, a alma. Enquanto a mente tem a ver com uma tradição mais ou menos laica, secular, da visão do homem, o espírito tem que ver com as mais diversas tradições filosóficas, desde as Luzes até ao colonialismo, e a descoberta de outras culturas pelos antropólogos, de mãos nem sempre dadas com os missionários, mas muitos, incluindo saberdotes como Teillard de Chardin, foram as duas coisas. Depois, segundo a biologia humana, o corpo não é só carne, mesmo no sentido espiritual, ele é também mineral, vegetal. Ou seja, este compósito que é o corpo humano, muitas vezes entra em conflito com a mente, mesmo que haja harmonia espiritual e anímica, mas estas três formas de manifestação do espírito estão, em essência, em algumas culturas, estreitamente relacionadas entre si. É como se fosse uma orquestra com vários instrumentos de ordem diversa, para haver harmonia, todos eles têm de ser respeitar. Mas qual o fim do bom funcionamento do homem? Não é um funcionalismo qualquer, mas uma meta da ordem da felicidade, é isso que o homem procurar, estar-sendo bem, sem grandes preocupações mentais, porque tudo o que é mental tem as suas ratoeiras...

Portanto, se o mundo não é apenas mental, também o não é o homem. Nos meus tempos de postulante franciscano, que terminei, juntamente com o Ano O dos estudos teológicos, apareceu-me nas mãos um livrinho com o título „Pílulas de Otimismo“. Nunca mais me esqueci.

Assim também, aprendi que, depois de ter estado tanto tempo afastado da religião, devo tomar a religião, inseri-la na minha alma, a pouco e pouco, como um comprimido que tomas de manhã, ao acordar, a fim de teres um bom e bem-disposto dia. Porque há um conflito em mim que tem que ver não só com a identidade sexual, mas também com os usos do corpo do Outro, ou seja, nos termos de uma separação entre *jouissance* e reprodução plantea-se um problema altamente filosófico, que é formulado pela pergunta, se gostares de sexo, será que as mais bonitas vão à Igreja? E, se és amante dos prazeres sexuais, tens de ver algo de perfeitamente mundado, profano, banal, na mulher, porque, a meu ver, o corpo não é um templo, mas uma forma física de usufruto, nomeadamente para resolver certas tensões interiores, já formuladas por Freud e, no limite, o problema da violência primordial. Mais uma vez, será possível uma teologia do corpo? O corpo é algo de material, físico, mas também é sobrenatural, instrumento de amor. E, podemos indagar, o sexo não é, não pode ser, algo de sagrado, se nos desperta tão boas sensações? Porque os teólogos, como os filósofos, a não ser os hedonistas, têm como que horror a tudo o que é prazeroso, como se quisessem vincar qualquer coisa de metafísico na sua acção, como se fosse pecado ter e dar prazer... como se o homem apenas „prestasse“ para se reproduzir e não pudesse, tanto em termos vaginais como anais, ter prazer a partir desse mais belo instrumento que é o corpo...

2. O SUJO E O LIMPO

Ligado a esta ideia está estoutra de que o sexo, nomeadamente o anal, é qualquer coisa de sujo, mas há que lembrar, não nos rimos quando alguém, ou mesmo nós mesmos, dá um pum? É qualquer coisa que sai, ora de sólido, ora de vaporoso e que nos faz rir, como se fosse o resultado, o excedente, de algo que se insere „por cima“, sim, a comida. Por isso, também o ânus é lócus de vergonha e a vergonha começa precisamente por aí, pela sensação, a impressão, a obsessão de estar sujo, de ter de limpar essa região do corpo a todo o instante, como se a vida social a isso se referisse unicamente, como se estivéssemos („à porta“) a preparar a entrada de algo ou de alguém. Por isso, nos apetece tomar banho uma e outra vez por dia, mesmo no inverno. Por isso, uma coisa é descrever uma situação, um estado de espírito e outra é apontar soluções para que a nossa vida passe, de certo modo, a ser normal, sendo que o conceito de normalidade é muito relativo e o aloquemos quase exclusivamente à psiquiatria, quando alguém está mal, mentalmente, vai ao psiquiatra, quando tem pruridos religiosos e está mal da alma, vai ao padre ou ao psiquiatra, se acreditar em Deus ou ao invés no Homem, quando está mal espiritualmente, vai ao padre, se acreditar nalguma coisa do que ouve na missa. Estes pensamentos foram-me transmitidos em casa e na igreja da minha paróquia, onde deixei de ir para escrever este texto.

Isto tudo, esta problemática, também tem que ver com o que se encara de sujo e de limpo e as outras categorias branco/preto e tem muito que ver com a cor da pele, da raça, da ideia de que há uma raça superior a todas as outras, sendo que esse sentimento é identitariamente comum a todas as raças, a todas as etnias, ou seja, o que faz uma raça persistir em termos socio-identitários, é não só o sentimento de homogeneidade enquanto grupo (social, nacional), mas a afirmação de uma certa superioridade rática que de uma forma ou de outra todos colhemos, pois na verdade, há que dizê-lo, há etnias, origens, mais permeáveis do que as outras, tanto em termos de uniões matrimoniais como de mera relações sociais, comerciais, no sentido utilitário. Depois, também esta problemática tem que ver com os usos da água, ou seja, considera-se a água „limpa“ porque transcendente, embora também haja o conceito de „água suja“, como aquela dos garimpeiros na Amazônia... Adiantei há tempos o conceito de „medo cerimonial“, ou seja, preciso de estar limpo para lidar de perto com o meu Deus e tal nada tem de estranho, desde que não seja doentio, repetitivo, mas a questão põe-se noutros aspectos da vida social, como o trabalho, o descanso, as

pessoas tomam banho antes de se irem deitar porque precisam de se sentir *inconscientemente limpas*, ou pela manhã, para estarem na rua limpos...

A antropóloga Maria Manuel, minha colega no ISCTE estudou estes usos da água a propósito das Termas e mesmo Rosa Perez, minha professora, introduziu o sabão no estado do Gujarat, na Índia, depois de um trabalho de campo de vários anos e que resultou na sua tese de doutoramento e outros vários livros.

Depois, Jesus surge como o verdadeiro taumaturgo da humanidade e, podemos dizer, porque não acreditar nisso? Porque não acreditar que n'Ele e para além da medicina, da psiquiatria, há espaço para fé, que é o conhecimento do religioso, daquilo que não só nos faz sentir integrados, em companhia de Alguém, tudo menos sós, ainda que fisicamente isolados, restringidos daquilo que nos faz sentir em Paz com o Mundo. Claro que o caminho de fé não é um caminho fácil, a dureza por vezes faz-nos tremer as pernas e perder o tino, mas aí temos de ser fortes e confiar cegamente n'Ele, porque, em certo sentido, é não apenas uma forma de salvação, mas atreveria a dizer, a única salvação. Mas...a pergunta persiste, as mulheres bonitas vão à Igreja, como se eu quisesse simultaneamente uma mulher bonita, inteligente e fisicamente voluptuosa...ou seja, o melhor de dois Mundos, o de Deus e o do Amor...quando Deus é tudo isso, é amor e daí também o sexo, por ser amor, é transcendente, divino. Mas, porém, tornou-se uma mercadoria, como todas as coisas no âmbito das sociedades democráticas capitalistas, portanto, o corpo democratizou-se como palco de saber e até de desvario, usado para todos os efeitos nas mais diversas parafilias, porque aquele que atina com o resto da sociedade, que é modelo de comportamento, é uma pessoa cumpridora, exemplar, comedida, que não comete exageros, nem sequer com as mulheres...

3. NOVA ESPERANÇA

Ora, a meu ver, Cristo foi uma grande cientista social. Para implementar o que seria a Sua Igreja, ele teve de sacrificar a sua vida, com a íncrita idade de 33 anos. Ele resolveu o enigma entre teoria e prática no âmbito de um contexto histórico colocando-o em termos irremediavelmente morais, implacavelmente pervasivos através dos séculos, e depois aproveitou a boleia do Império Romano para fundar uma estética no âmbito de uma antropologia da crença que sobrevive através dos séculos na memória coletiva de quase toda a humanidade. Então, haveis de perguntar, que é feito das outras religiões? Não estarão também certas, não terão também o seu quinhão de razão? Bem, hoje em dia um pequeno grupo pode fundar um Igreja... O Estado permite isso. Mas, tudo tem que ver, acho, com peso histórico, com tradição, com *sentir-se parte de...*

Ou seja, o grande profeta da sociedade perfeita é Cristo. Pode haver que não acredite, que acredite noutras coisas, noutros deuses, como a socialite, a fama, o dinheiro, o sexo desvairado, as festas, as drogas, o álcool, mas quando o Ser se revolve encontrar consigo mesmo em Cristo, no crisol do Deus que tudo pode, esse Ser é imensamente feliz e ainda que seja apenas por um par de horas, já valeu a pena viver para sentir essa experiência.

Portanto, o corpo oficiante, como na Missa, é o corpo limpo, enquanto o corpo do erotismo e do trabalho é o corpo sujo, ou seja, para fins recreativos a preocupação é menor, mas quando se lida com o sagrado, a preocupação (o medo cerimonial) é maior, como exemplificou Jean Duvignau a propósito das festas pagãs, daí que a antropologia não é tão limpa quanto a filosofia e a teologia, porque tem que ver mais com o profano do que estas duas...Creio que podemos pôr a questão nestes termos...

O que nos espanta é a renovação do espanto (Iturra), ou seja, a mudança do mundo, o devir do Tempo, o acontecimento de sempre qualquer coisa de novo no mundo social. Sim, porque o mundo é natural, sobrenatural, mas também é social. Depois, há qualquer coisa de errado numa certa psicologia social, de raiz puramente psicológica, para não dizer psiquiátrica, foucaultiana: as sociedades não são pessoas e a ideia de que uma sociedade é a soma dos indivíduos, á maneira de resto durkheimiana, está hoje mais do que ultrapassada. Eis o erro também de alguns antropólogos e da maior parte dos sociólogos actuais, quando vêm o sujeito apenas como uma peça de uma grande engrenagem mecânica, sob o fito de analisar e transformar a sociedade. Enquanto isso, o antropólogo deixa-se estar, ele não quer transformar a sociedade, não tem o sentido marxista-leninista, ideólogo, do sociólogo, do psicólogo social, ele quer também resolver problemas com o seu dedo como este... Só que, enquanto uns tomam a dianteira sem grande fundamento, quer teórico quer empírico, outros descansam na retaguarda, talvez por saber de antemão o que a casa gasta...

Assim, a esperança cristológica não tem somente que ver com uma das formas de ligar com o corpo, o individual e o social, mas com um novo projeto e que tem por base uma determinada teoria social assegurada por um documento, um livro, a Bíblia. Aqui se planteiam regras de conduta e princípios filosóficos, mas também formas de amor e formas de amar, maneiras de levar uma conduta ética, primeiro mais radical com a Torá e depois mais complacente, humana, com o Novo Testamento. E se era revolucionária essa teoria, apesar do marxismo como concorrente, naquele tempo, ainda o é hoje, pelo aperfeiçoamento (A Roca e o Fuso seria um bom título para esta ideia) da fé de pastoral, direccionada para um mundo que sempre precisa de mais e mais, de respostas, que obviamente o cristianismo confere de uma forma cabal, a meu ver.

4. O VALOR DA HISTÓRIA

Muitas vezes, mesmo dentro da igreja enquanto edifício de arquitectura, duvidamos da nossa fé, porque não queremos uma fé cega, fanática, apesar de muitos nos odiarem, mas o que o cristianismo e a Igreja têm de mais redondamente humano é a sua historia. Claro que, a Igreja, sendo tangível, do mundo, tem os seus problemas, as suas questões (pedofilia, sacerdócio das mulheres, o relativo atraso em tomar certas medidas face à voragem do mundo), mas isso fica para as ciências sociais, que não têm a pretensão de ser moralmente respeitáveis, antes pelo contrário. Portanto, em todo o caso, é possível e passível de ser empreendida uma teoria social do cristianismo, pelo que a Igreja tem de fenómeno social total, antes de mais e também com a sua tradição de viagens, ligada à expansão da fé, ao colonialismo europeu, à história dos povos na sua „condição mais humana do que divina“, para lembrar Malraux.

Uma via de diálogo com a sociedade civil é aquela Igreja que se vê como património da humanidade, como desenho na história da humanidade, muito para além do esboço das inúmeras catedrais por esse mundo fora. A arte sacra, por exemplo, os ex-votos, as peregrinações a Fátima ou a Compostela, as inúmeras manifestações religiosas de um país como nosso, onde há liberdade religiosa, se bem que com alguma colaboração com o aspecto financeiro da questão...

Portanto, não só a Bíblia é um tratado de sociologia, como a própria Igreja é uma instituição total, com troca de bens e oferendas com o devido beneplácito do Espírito Santo, ou seja, se a sociedade é passível de ser tratada como objecto de estudo (para melhoramento dessa mesma sociedade), também a Igreja é uma instituição total, dentro desse todo maior que é a sociedade, ou seja, como diria um amigo meu engenheiro, a religião define a sociedade (para o leigo) mas , por outro lado, para o cientista social, é um traço da sociedade, enquanto que para o asceta É a sociedade...

Ora, como o corpo convive com estes mistérios, segredos, ascetismos? O corpo ressent-se, é veículo, mesmo que não pratiques a sociedade. Já repararam que certas freiras estão tão bem conservadas, com uma espantosa jovialidade? Sim, que parece sobrenatural. Será por não se entregarem, como outras mulheres, aos prazeres do sexo, do corpo? Lembro Teresa de Ávila, cujo erotismo ascético converteu muitas mulheres a, simplesmente, uma vida melhor, mais digna,

mais sagrada. Do outro lado, fica o profano e, diríamos como Séneca, *satis*, tudo na sua medida...

Portanto, as razões da história da Igreja legitimam a sua mensagem, que vem de longe, da aurora dos tempos e que o cristão primitivo aperfeiçoou a fim de a transmitir como testemunho dessa corrida em que Deus corre por nós. Mas...estaremos invocando o nome de Deus em vão? Que quinhão de parte, de trabalho da fé, deve o homem respeitar? Precisamente essa relação simultaneamente vertical e horizontal, com os irmãos e Aquele que habita no Alto, em género de sinal da cruz...

Há ideais e ideias bastante polémicas no espectro político-ideológico dos países europeus, nomeadamente nos latinos, mediterrânicos, do sul da Europa, os sacerdotes não podem casar e a crúria faz finca pé disso e talvez tenhamos de dar razão a Max Weber a este propósito, ou seja, foi a moral protestante de certos países, contextos culturais, que permitiu um certo desenvolvimento económico, que ficou em estado quase larvar em países como Portugal, cuja experiência industrial ainda se está a fazer, ou seja, a Igreja tem certa dificuldade em lidar com as questões do prazer sexual e não é somente por os padres não poderem casar, mas porque o seu império de fé fez-se a custo desse sacrifício, do retraimento de muitos homens ao longo da história. Poderei perguntar, então porque não são ordenadas mulheres? Porque há questões de poder de que a Igreja não pode abdicar, como a vertente patriarcal da sua herança e mensagem, da sua teologia e poderemos mesmo dizer que, um dia, face a tanta gente a bater à porta de Deus para fazer parte da sua Igreja de modo mais activo, dinâmico, completo, Ele vai ceder. O Papa Francisco já deu alguns sinais, mostrando que não é essa a questão mais importante, ou seja, ser padre é uma opção que tem que ver também com uma disposição física, diríamos até do âmbito da sexualidade, porque o padre não faz para estar mais disponível para os irmãos e é essa disponibilidade que é a sua alegria enquanto sacerdote, ver os outros felizes, espalhar a fé, dinamizar o seu pequeno mundo que é a paróquia ou a diocese, no caso de ser bispo...

Portanto, Deus é também Corpo, Ele está no sacrário porque pode, simplesmente, afirmar essa mensagem, porque É Possível, é passível de constituir uma forma humana que condiz com o corpo de cada um dos seus fiéis, em todos os seus desenhos, recantos e perfeitas imperfeições. A Igreja foi, assim, arrançando maneira de dialogar com dois mundos, o tangível e o sagrado, o sobrenatural, o intangível, aquele que satisfaz espiritualmente o homem e lhe dá o afã de se lançar com paz e serenidade (serendipiti) num mundo que, à partida, desconhece. Portanto, o palmilhar

deste mundo é ponto de partida do reconhecimento num outro mundo, numa eterna forma de ser feliz e quanto mais Deus está comigo mais feliz sou aqui e agora. O hindu tem uma concepção distinta da nossa, por exemplo, para eles o acto sexual é sagrado, por isso talvez não o banalizaram tanto e, por outro, proclamam abertamente a reencarnação, uma segunda vida na forma de outro ser. Eu acho que, como cristão, deveríamos estar mais abertos a outras religiões, a outras formas de entender o sagrado e o espiritual, excepto, claro está, evitar fundamentalismos. Mas, aí, se joga um problema fulcral não só para o cristão, mas para todo o homem, que é o da violência, ou seja, portanto quem me agride, verbalmente ou fisicamente, devo, como Cristo, de dar a outra face? Há quem diga que não, há quem diga que sim. Mas há maneiras e maneiras de fazer as coisa, de se relacionar...

Mas, vejamos, é a violência, física, psicológica, que funda impérios (o Romano, a Inquisição), territórios, nações. Não admira que o Vaticano seja o mais pequeno estado do Mundo; o seu reino não é deste mundo...

CONCLUSÃO

Há muito que defendo que a Bíblia é como o homem pensa. É o reflexo de um estado de alta da humanidade, mas também de uma revelação que se perpetua todos os dias na vida de quem acreditar, é um manual de como fazer sentido. Ao lado disso, sempre defendi que os computadores reflectem uma forma de pensar, o binarismo e étecétera, outras formas de equacionar a realidade, ou seja, estejamos ou não em risco de ser robôs, o mito do homem eficiente também tem que ver com o cristão, que procura melhorar a sua vida do ponto de vista espiritual pela oração e leitura e reflexão das sagradas escrituras. Na Bíblia há batalhas, traições, mortes, de tudo um pouco e até erotismo, no Cântico dos Cânticos. A humanidade não caminha de modo progressivo e se o faz, poderá alguém argumentar, irá embater contra uma grande parede, uma muralha, que a fará, mais tarde ou mais cedo, fazer regressar a um estado de pureza que o virtual feriu e que nós estamos tentando, de uma maneira ou de outra, consertar, nem que seja pelos mais pequenos, para terem um futuro melhor, pelo menos melhor do que o nosso. Assim, é possível uma teoria social cristã, não falta histórias, estórias, narrativas, argumentos e argumentações, a Bíblia está plana disso, mas serão os cristãos fundamentalistas ao ponto de apenas olhar para o Livro e não fazer comentários? Não creio, o homem cristão tem um sentido crítico e uma vontade de ética apurados. Ora, é fácil concluirmos, se Cristo foi, de algum modo, filósofo, não creio que não possa ser também considerado como cientista social. Na sua história de vida há de tudo e ainda mais e sobretudo o poder mágico de convencer, de suggestionar, de criar ilusão, como dizem os espanhóis, porque, afinal, a Igreja tem a sua história feita por homens, imperfeitos como todos os que não são cristão e de mortes, com certeza, talvez porque uma instituição tem de se adaptar à voragem dos tempos, do tempo, tem de se adaptar e não pode ficar atreita ao poder, tem de saber relacionar os homens entre si e com Deus, como ela bem propõe. Portanto, o corpo de Cristo é o meu corpo, é o corpo da Igreja da qual faço parte, é o corpo da mulher que amo, é o corpo que está no sacrário para que eu o possa contemplar em toda a sua beleza e significação, como se de um belo rosto de mulher se se tratasse, no metro ou num quadro de Vermeer...

Bibliografia:

- SERRES, Michel. „Variations sur le Corps“
VALE DE ALMEIDA, Miguel (org.), „Corpo Presente:
Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo“
JOÃO PAULO II, „Teologia do Corpo“
BATAILLE, GEORGES, „O Erotismo“
ALBERONI, Francesco, „O Erotismo“
SIMMEL, GEORG, „Philosophie de l'Amour“
GIRARD, René, „La Violence et le Sacré“
DE HEUSH, Luc, „Le Bouc Émissaire“
LEIRIS, Michel, „L'Afrique Fantôme“
BAYARD, Jean-François, „L'état en Afrique-La Politique du Ventre“
LIENHARDT, Godfrey, „Divinity and Experience-The Religion of the Nuer“
LE NOIR, Jacques, „Cristo Filósofo“
LÉVINAS, Emmanuel, „Totalidade e Infinito“
MAUSS, Marcel, „Ensaio sobre a Dádiva“